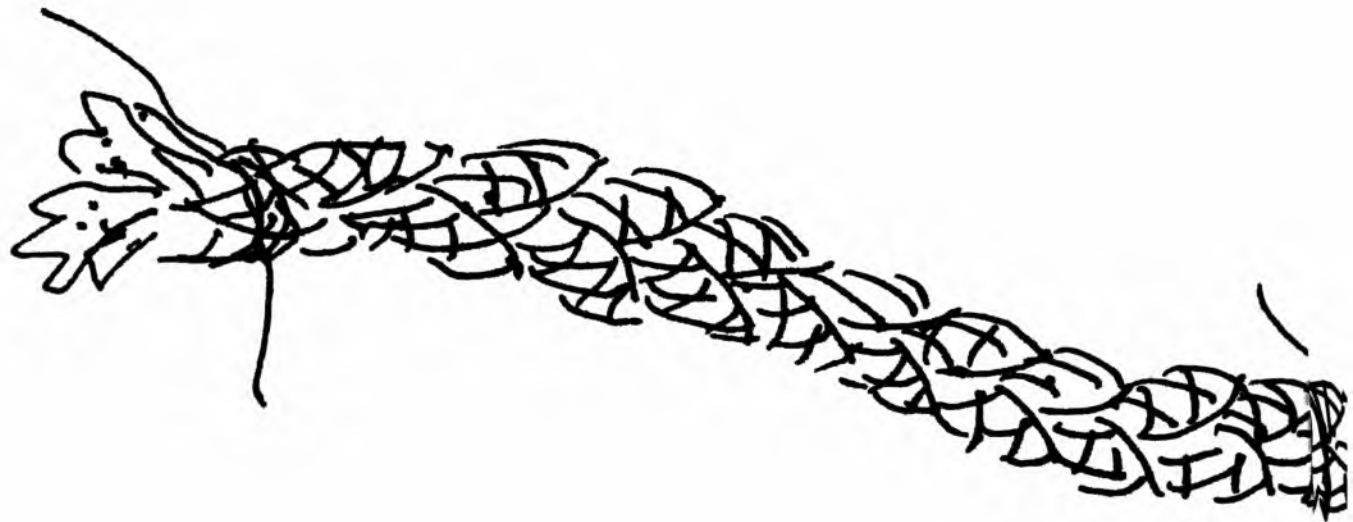


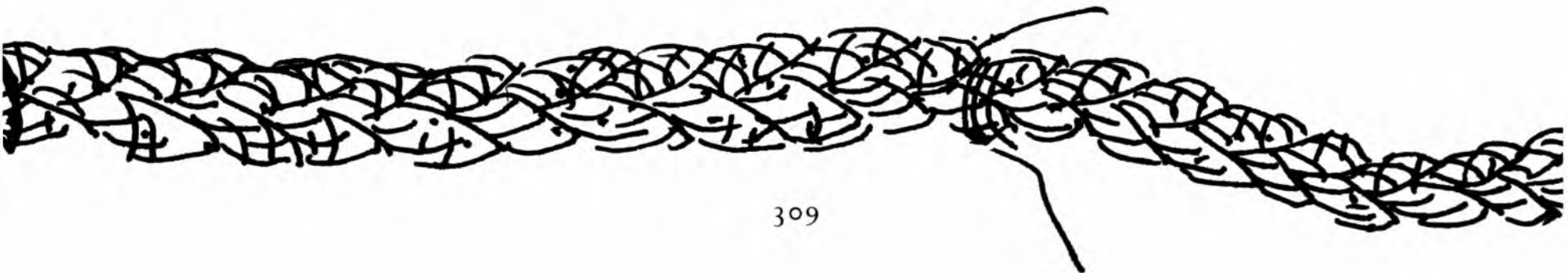
Ruas

Nelson de Oliveira



Em São Paulo, logo na entrada da rua dos Cães — uma rua íngreme e muito estreita — há um doberman descomunal, de olhar feroz e turbulento, sentado sobre as patas traseiras. Onde está o dono de tão irascível criatura? Trancado em casa, é óbvio. Bem como todos os seus vizinhos. Afinal quem se arriscaria a sair à rua em pleno dezembro, no alto verão, com o sol escaldante cozinhando os miolos de seus queridos animaizinhos de estimação? É claro que se houvesse mais árvores nessa rua o problema estaria, se não resolvido, pelo menos atenuado. Todavia, como pode ver, em toda a extensão da rua dos Cães há pouquíssimas árvores. Isso deixa os animais, principalmente os dobermans, enlouquecidos. Presos a uma realidade que tanto os oprime, eles passam todo o tempo zanzando, indo de uma calçada a outra, de matilha em matilha, misturando-se com os dálmatas, filas, pastores-alemães, buldogues, incontáveis vezes por dia. Línguas de fora, ofegantes, afiadas, enchem-me de pavor. A rua dos Cães é um prolongamento da minha rua, que, por sua vez, é um prolongamento de todas as demais ruas de São Paulo. Dizem — não sei, nunca tive a oportunidade de ver confirmada tal afirmação — que em Buenos Aires também é assim. Dizem que lá todas as ruas da cidade, qual serpente sinuosa e infinita, fazem parte da mesma e única rua. Pode ser. Contudo, a superioridade dos portenhos — superioridade que muito nos constrange — deve ser reflexo de sua inteligente configuração urbana. Questão de bom senso: não existem cães sem coleira em Buenos Aires, nem ruas tão selvagens quanto as nossas. Isso, pelo menos, é o que dizem os viajantes.

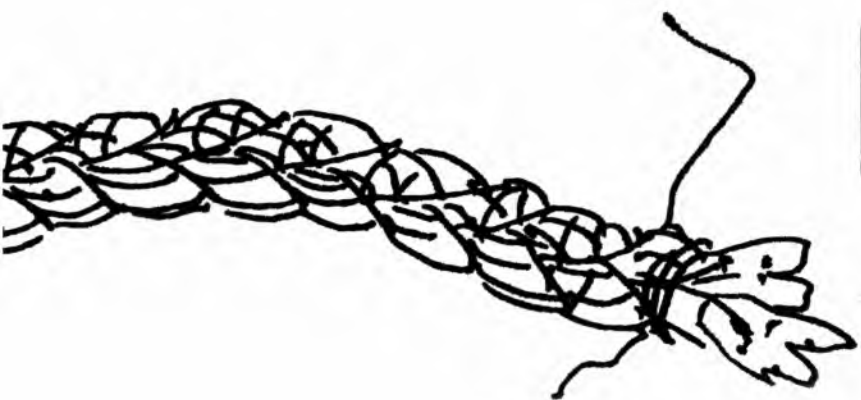
Um verdadeiro milagre. Ao abrir a portinhola da gaiola, meu papagaio saiu de lá de dentro como um raio, atravessou a sala, passou pela janela aberta e ganhou a rua, deixando atrás de si um rastro de ar comprimido. Corri com o binóculo na mão. Fora do apartamento não esperei pelo elevador. Desci as escadas atabalhoadamente, sem respirar. O porteiro abriu-me o portão e, caramba!, quando apontei as lentes do binóculo para o final da rua, vi que o meu



papagaio já estava chegando lá, já estava lá, já não estava mais lá, mas muito mais adiante, no começo da rua seguinte. Minha rua emenda com a rua dos Cães, que por sua vez emenda-se com a rua dos Gatos, que por sua vez emenda-se com a rua dos Papagaios. Meu papagaio passou da minha rua pra rua dos Papagaios sem menor problema. Esse, o milagre.

Atravessei a rua dos Cães sem olhar para os lados, andei por toda a sua extensão quase sem piscar. Atravessei-a, a coluna ereta, os músculos rijos, sem pressa, controlando meus movimentos. Qualquer gesto mais afoito e seria o meu fim, disso eu tinha certeza. Enquanto andava ia sentindo nas faces o hálito quente dos cães. Por pouco não desfaleci, não manchei a calçada com meus excrementos. Mais do que o bafo, era o rosnar abafado, autocontrolado, cheio de vigor e de ira, dos animais, o que mais me intimidava. Silenciosos como gárgulas, os cães maiores, monstruosos e negros, permaneciam sentados sobre as patas traseiras, como se guardassem as portas do inferno. Esses aterrozavam-me apenas com sua presença pétrea. Eram, contudo, os menores, os malditos poodles, fox-terriers, pinschers — os endemoninhados pinschers de pescoço comprido e orelhas retas — que me azucrinavam mais. Ah, os menores! Alguns soltos na rua, outros atrás das grades dos portões. Sacudindo os portões, estes. Abocanhando a barra das minhas calças, aqueles. Todos latindo sem parar, auauauauauauouououououou!, avançando e recuando.

Uma hora atrás, Vilma, ao me ver na rua, chamara-me da janela do nosso apartamento: — Consegue vê-lo? — Sim. Está na rua dos Papagaios, o desgraçado. — Que merda! Como você pôde ser tão tolo? Matilde jamais nos perdoará por isso. Emudeci. Matilde, histérica. Só de pensar nessa possibilidade meu corpo estremeceu. Corri para o apartamento, escancarei as portas do guarda-roupa, peguei o rifle, a capanga de munição e a rede de pegar borboleta. — Sou um homem amaldiçoado se não trouxer o bicho de volta. — Boa sorte. — Espero estar de volta antes que anoiteça. Respirei fundo. No



momento em que eu estava saindo Vilma me segurou e, com lábios de mel, beijou-me como há muito não me beijava. Não gostei nada disso. Temi por meu destino. Um beijo desses, numa hora dessas, tinha o sabor da morte.

Na rua dos Gatos, estaquei. Peguei o binóculo e olhei o mais longe que pude. Lá estava o desgraçado, dezenas de quarteirões à frente, na rua dos Papagaios. Pensei em desistir. Tive medo. Lembrei-me de Matilde e tal lembrança deu-me forças pra continuar. A rua dos Gatos era tremendamente mais soturna, mais ensombrecida do que a dos Cães. Entrar nela era como entrar numa caverna. Tudo porque, diferente da anterior, possuía essa um grande número de árvores — jabuticabeiras, ciprestes, pinheiros, até mesmo um grande carvalho — cuja sombra caía pesada e impiedosamente sobre prédios e gatos, tornando o sol quase invisível.

Protegidos pela copa das árvores, sombras, vultos e silhuetas moviam-se silenciosamente, como espectros de uma noite eterna. Possuíam contornos mal definidos, tais espectros. Deslocavam-se, dentro dessa selva insana, como entidades imateriais, sem produzir o menor ruído. Prossegui, sempre ereto, sempre firme em meus propósitos, tentando mostrar total indiferença pra com os felinos. A cada passo podia sentir o toque de suas patas, de suas caldas nas minhas mãos, primeiro, depois nas minhas pernas, por baixo da barra das calças. O toque aveludado, acolchoado, sinuoso, da mais desfrutável das fêmeas. De repente um gemido, um salto no escuro e o meu reflexo pego de surpresa no branco duns olhos arregalados, aterradores, horripilantes. E então mais outro salto, e mais outro, e outro. Depois, sussurros, como se conspirassem baixinho. E então mais outro salto, e mais outro, e outro. Vi pêlos curtos e pêlos longos, unhas retráteis e afiadas, caninos agudos e fortes. Siameses, persas, angorás, nos galhos mais baixos de uma figueira. Ao perceberem que eu não pretendia fugir, começaram, os mais audaciosos, a saltar do galho e a me rodear. Havia luz no fim do túnel. De onde me encontrava podia vê-la, apesar de muito pequena. Eu estava num túnel? Estava.

O fim do túnel era, eu sabia, o início da rua dos Papagaios. As casas e os prédios da rua dos Gatos tinham, todos, extensos jardins cujas plantas, alegres e exuberantes, escorriam pelos muros e grades, caíam na calçada, dificultando, e muito, a visão. Era planta ornamental por toda a parte. Onde terminava a copa da árvore mais próxima e onde começava o jardim do prédio em frente era algo difícil de se dizer. Desviei-me de uma raiz que já começava a quebrar o concreto em alguns pontos da calçada e topei, assustado, com um vulto tão grande, tão sólido, que, concluí, só podia tratar-se de um grupo compacto de dez, doze gatos sentados uns sobre os outros. Contudo, logo após o esbarrão dois olhos iluminados grudaram nos meus, feito lanternas. Nessa hora mudei de idéia. Não, definitivamente não era um grupo de gatos. Recuei, como quem houvesse pisado numa cascavel. O vulto arreganhou a boca, exibindo os dentes branquíssimos. Gelei. Seus olhos estavam emparelhados com os meus. Éramos quase da mesma altura. Ele não piscava, muito menos eu. Então, quando pensei ter finalmente atingido o ápice do surpreendente, quando ficou bem claro que nada mais poderia me tirar o fôlego, o vulto começou, devagar, a crescer, chegando a atingir o dobro do tamanho inicial. Quando parou de crescer foi que eu vi que ele, na verdade, tinha era ficado de pé. Devia ter uns três metros de altura. Apoiado apenas nas patas traseiras, estendeu-me uma das dianteiras e me tocou no ombro. Era um toque quente, quase afetuosos. O tipo de toque que só um pai conseguiria proporcionar a um filho. Não esperei pelo momento em que ele abriria a boca e me sussurraria palavras do além. Corri, do jeito que só os desesperados e os loucos conseguem correr.

Na rua dos Papagaios, olhei pra trás com o binóculo. Lá estava Vilma, diante do nosso prédio, acenando-me com um lenço azul. Acenei-lhe de volta. — Consegui. Estou aqui, gritei-lhe. Mas ela obviamente não me ouviu. Na verdade, devido ao fato de não estarmos conseguindo ouvir um ao outro, seus

gestos foram ficando mais nervosos, mais desesperados. Na mão direita, o lenço, escrevendo no ar uma frase que eu não conseguia entender. Com a mão livre, a esquerda, ela apontava alguma coisa no céu. Alguma coisa que, estando muito longe dela, devia estar próxima de mim. Virei-me, em pânico. — Não pode ser, balbuciei. Um silêncio estranho, amargo, imperava por ali. Voltei o binóculo na direção do fim da rua e nada. A rua estava deserta. Não havia nenhum papagaio em toda a sua extensão. Muito menos o meu papagaio.

Matilde jamais me perdoará por isso, pensei. Conheço seu temperamento, ela é capaz de acalantar uma mágoa por anos a fio, à espera do melhor momento pra se vingar. Entrei em parafuso. Matilde, Matilde. Que decepção! Já era mais de meio-dia. O ônibus da escola estava prestes a chegar em casa e Matilde prestes a entrar correndo na sala, na cozinha, nos quartos, no banheiro, à procura de algo que, diferente dos dias anteriores, não estaria lá à sua espera.

Nenhum papagaio nas árvores, poucas. Nenhum papagaio nos postes, poucos também. Olhei mais uma vez para o céu. Baixei lentamente o binóculo, confuso. — Não pode ser. Tornei a erguê-lo e a olhar o espaço azul-acinzentado acima dos edifícios. Vi, estupefado, centenas de pontinhos escuros sobre a linha do horizonte. — Macacos me mordam!, resmunguei. Os papagaios estavam todos lá, a dezenas de metros do chão, dirigindo-se para o norte. — Os malditos estão migrando!, berrei. No ato a lembrança do rostinho desconsolado de Matilde me veio à mente. Perdi a cabeça. Comecei a praguejar feito um doidivanas. Chutei uma lata de lixo, depois outra e mais outra. Chutei, ainda, várias caixas de papelão cheias de jornal velho. Sim, chutei todas as caixas de papelão cheias de jornal velho que estavam na calçada, esperando pelo caminhão de lixo. Os jornais espalharam-se pela rua. O lixo, não. Este rolou pra fora das latas, mas, mesmo assim, permaneceu quase no mesmo lugar, embolado, grudado na calçada, cheirando mal. Alguns moradores dos prédios em torno apareceram na janela



pra ver que algazarra era essa. Respirei fundo, procurando recobrar o autocontrole. Sentei-me na sarjeta, sempre com os olhos voltados para o céu, para o bando de papagaios. — Filhos da puta, gritei novamente, pondo pra fora todo o ar dos pulmões.

O vento trouxe de volta algumas folhas de jornal, que imediatamente grudaram em mim, no rosto, nas pernas, como que pra se vingar dos pontapés que haviam levado. Estraçalhei-as com raiva. Reduzi-as a pedacinhos, a uma infinidade deles, sempre xingando os papagaios: — Trastes desgraçados filhos da puta! — Mais gente surgiu nas janelas. Cabeças grisalhas, envelhecidas, cansadas. Ao vê-las, tive ímpetos de fazer-lhes com as mãos sinais obscenos. Todavia, não os fiz. Apenas fiquei ali, sentado, olhando os papagaios, puto da vida. Os papagaios: pontos cada vez menores na linha do horizonte. Enquanto sumiam, indiferentes aos meus improperios, eu ficava pensando, com os meus botões, se seria de fato verdadeira a história muitas e muitas vezes contada pelos viajantes, das mais diferentes formas. Ou seja, a história de que tanto as ruas de São Paulo quanto as de Buenos Aires fariam parte, todas, da mesma e única rua. Sendo assim, tudo não passaria de uma extensa linha, margeada, a cada nova região, por cidades diferentes, por culturas diferentes. Uma única e extensa linha, de leste a oeste. Bastaria, se se quisesse chegar a Buenos Aires partindo da rua dos Papagaios, seguir sempre em frente, de rua em rua. Estivessem certos os viajantes, bastaria, pra se ir de Buenos Aires a Nova York, seguir sempre em frente, de rua em rua. De Nova York a Paris? De Paris a Tóquio? Sempre em frente, de rua em rua.